

Na crise, cheque de R\$ 1,00 é pré-datado

José Rezende Jr.

No último dia 6, o Monza 83 da professora A. M. enguiçou em frente à Dinauto Auto-Peças, na 710 Norte. O dono da loja, Divino Gomes, detectou a necessidade de trocar a mangueira de combustível.

A professora preencheu o cheque de R\$ 1,00 e pediu que ele só fosse depositado dez dias depois.

Para não deixar dúvida, o cheque veio com um bilhete: "Favor não entrar antes da data, para não complicar minha vida com o banco".

Na última sexta-feira, mesmo dia em que o pré-datado tornou-se "bom", Divino teve o primeiro título protestado em 20 anos.

Divino e a professora fazem parte de um gênero humano diferente do *homo indexadus*, descrito na última terça-feira pelo ministro da Fazenda, Pedro Malan.

Dívidas — Esse, promete o ministro, está próximo da extinção (veja página 14), ao contrário daquele ao qual pertencem o comerciante e sua cliente: o *homo endividatus*.

O código genético dessa criatura contém salários achatados, restrições ao crédito, juros altos e consumismo provocado pela euforia inicial do Plano Real.

"Estamos no mesmo barco", reconhece Divino, que já recebeu cheques sem fundo no montante de R\$ 83 mil e deve outros R\$ 80 mil à praça.

Nesse mesmo barco naufraga, também, o negociante de carros usados Herbert Macedo, motorista da Fundação Educacional.

No ano passado, ele vendeu um Chevette por R\$ 6 mil. Recebeu em cheque, que foi sustado. O comprador morreu ao capotar e destruir o carro.

Herbert ficou descoberto no banco. Com os juros, os R\$ 6 mil viraram R\$ 14 mil. Ele pagou R\$ 5 mil, mas ainda deve R\$ 8 mil.

Náufragos — Herbert ganha R\$ 458 de salário e tenta vender algum carro em consignação, para pagar, todo mês, R\$ 1.014 do cheque especial. Tem 15 carros na garagem. Mas ninguém tem dinheiro para comprar.

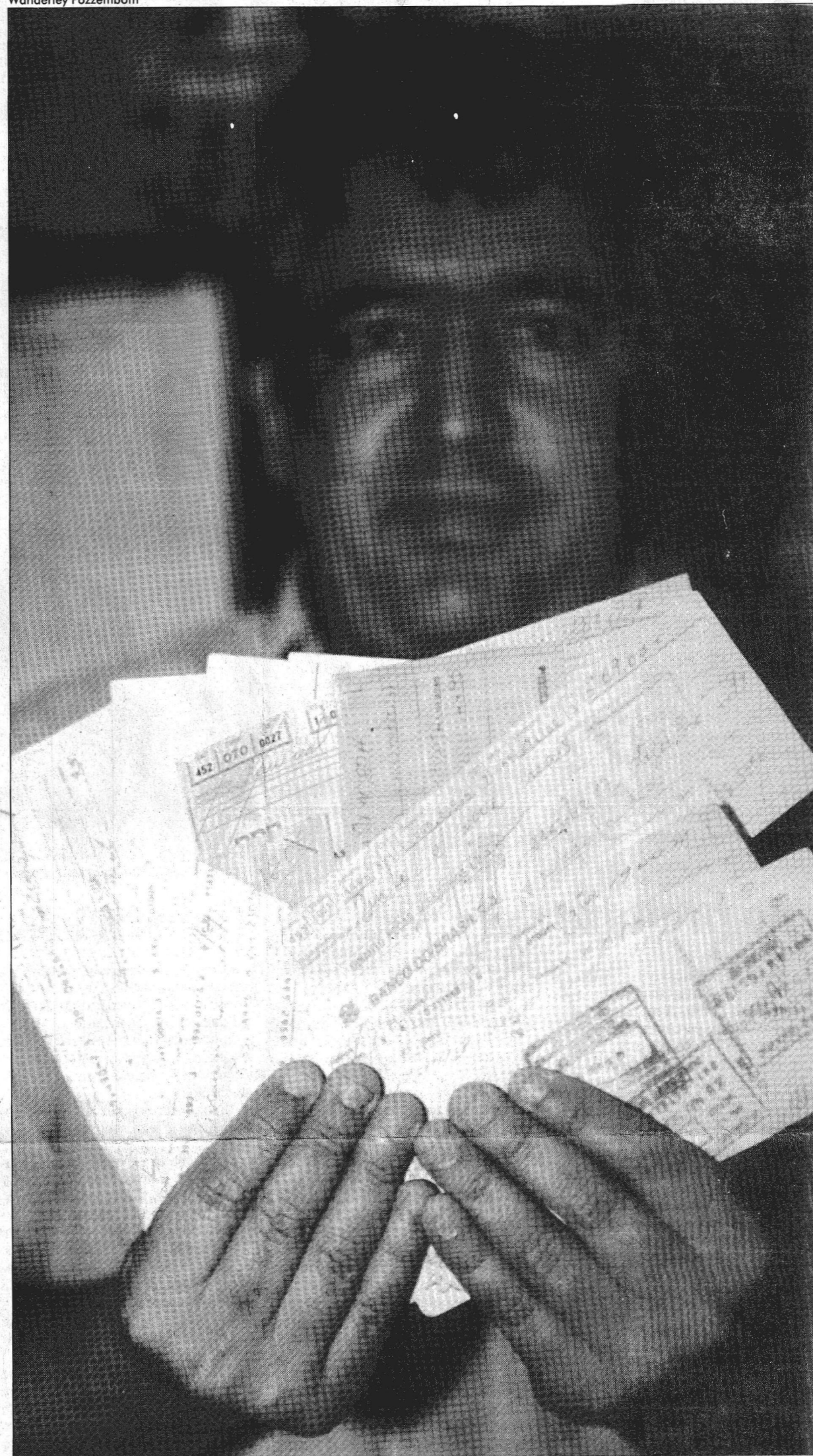
Que o diga Joubert Viana, que na última sexta-feira fechou para sempre as portas de um açougue e um restaurante na Asa Norte. Nesse último, os clientes chegaram a pagar refeições com fichas de telefone. Era pegar ou largar.

Estão indo a pique até mesmo marujos experimentados em tantas tempestades econômicas de outrora: os agiotas.

"Todo mundo deve a todo mundo e ninguém tem dinheiro para pagar a ninguém. Os bons pagadores tornaram-se maus", desabafa o comerciante N., que abandonou o navio da agiotagem devendo R\$ 27 mil e sendo credor de outros R\$ 48 mil.

O mar não está para peixe, diz o instinto do *homo endividatus*.

Wanderley Pozzembom



Divino: enquanto não recebe os R\$ 83 mil em cheques sem fundo, juros fazem crescer sua dívida de R\$ 80 mil